

O leitor Lima Barreto: a literatura como resistência e abertura para novas possibilidades

Ana Carolina de Azevedo Mello Knoll¹

Resumo

Lima Barreto além de exímio escritor, foi, sobretudo, um grande leitor, deixou em suas obras traços das leituras e dos grandes autores que o influenciaram, como Dostoievski, Balzac, Stendhal e Flaubert. Sua produção escrita demonstra lucidez extemporânea sobre a arte literária, haja vista que possuía um estilo próprio, diferente de seus pares, cuja preocupação social extrapolou os próprios limites literários. Segundo o próprio escritor, em seu *Diário do Hospício*, o livro que mais amou e que fez o ideal da sua vida foi *Vinte mil léguas submarinas*, de Jules Verne. Para tanto, tendo como *corpus* de análise o romance *O Cemitério dos Vivos*, publicado em 1956, esta comunicação propõe apresentar parte da nossa pesquisa de doutorado, ainda em andamento, sobre a experiência de Lima Barreto com as leituras de Jules Verne, que se manifestaram nas duas pontas da vida do escritor: na infância, quando ganhava de presente de seu pai os livros do ficcionista francês, e no momento angustiante de seu internamento no Hospício. Buscaremos assinalar a formação de Lima Barreto como leitor e as memórias de leitura de Verne associadas à estimulação de sua escrita. O referencial teórico pautar-se-á na sociologia da leitura e da literatura, cujas reflexões investem na relação entre sociedade e literatura, tomando a obra literária como objeto de análise.

Palavras-chave

Lima Barreto; Livros; Leitura; Jules Verne.

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Mestre em Letras – Campo Literário e Formação do Leitor - pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista CAPES. E-mail: anacarolinamello@usp.br

A bagagem intelectual e cultural de Lima Barreto, absorvida através de suas leituras, não foi suficiente para que fosse compreendido em vida. Sua posição como escritor era contrária ao repertório cultural elitizado de seus coetâneos, sendo este um dos fatores que podem ter sido preponderantes para sua marginalização na literatura pela crítica de sua época. A leitura foi de substancial importância para Lima Barreto, graças à lucidez proporcionada pela literatura, se tornou uma arma de combate e de crítica mordaz contra os preconceitos e as mediocridades do poder, tanto que pouco tempo antes de sua morte, recém-saído de sua segunda internação do Hospício e com a saúde debilitada, deixou uma espécie de testamento: intitulado “O Destino da Literatura”, onde apresenta sua missão literária, bem como alguns dos autores e pensadores com os quais sua arte comungava: Liev Tolstói, Jean-Marie Guyau, Hippolyte Adolphe Taine, Ferdinand Brunetiere e Thomas Carlyle.

Rastros de suas leituras também foram deixados em seus livros, diários, cartas, em suas impressões de leitura, em suas contribuições para jornais e revistas e em sua biblioteca particular – a “Limana”. Foi no intento de estudar o Lima Barreto leitor que percebemos a existência de uma forte relação entre as memórias do escritor com as narrativas de Jules Verne, as quais perpassam à sua produção escrita.

Era, na realidade, um menino contemplativo, vivia metido consigo mesmo, fugindo sempre dos brinquedos, que nunca amou. Enquanto os colegas pulavam sela e faziam exercícios de barra fixa, durante o recreio, ele procurava “o mais afastado dos bancos”, sob uma das mangueiras da chácara, e ia ler o seu Júlio Verne, ou simplesmente devanear, olhando as nuvens, a recordar as aventuras do Capitão Nemo, de Robert Grant, do Dr. Lidenbrock, de Miguel Strogoff. (BARBOSA, 2017, p.61)

Os livros de Jules Verne, presentes recebidos de seu pai, aproximaram o pequeno Afonso do mundo da literatura. O refúgio para o menino reservado e tímido, que sofria com a ausência da mãe e com a distinção da cor de sua pele e de sua condição social, era a leitura das aventuras de Capitão Nemo, Fileas Fogg e Dr. Otto Linderbrook, entre outros. Pretendemos, portanto, apresentar nesta comunicação as leituras acessadas por Lima Barreto e sua relação de familiaridade os livros durante a sua infância, tendo em vista que a sociologia da leitura sustenta a premissa de que a familiaridade com a literatura se inicia na a infância e se potencializa conforme suas relações sociais.

As obras de Verne, como o próprio Lima Barreto aponta, iniciaram-no em sua trajetória literária, mas é certo que não fora apenas o autor de *Vinte mil léguas submarinas* o responsável por aproximá-lo da leitura, tendo em vista que nasceu em um ambiente familiar leitor e teve a oportunidade de ter bons mediadores em sua vida. Os dados biográficos de Lima Barreto são por demais conhecidos, mas pretendemos assinalar algumas passagens em que melhor se relacionam sua história pessoal a sua trajetória leitora e, conseqüentemente, a profissional, a exemplo dos iniciadores que se fizeram presentes na vida do escritor e o aproximaram da literatura, sobretudo, as figuras materna e paterna.

Pouco se sabe sobre a mãe de Lima Barreto, mas algumas memórias do escritor sobre Amália são encontradas em sua obra e indicam que foi ela quem o ensinou a ler e a escrever. Dona Amália era professora formada no Magistério e mantinha em sua casa uma escola para meninas. O pai de Lima Barreto, segundo Barbosa (2017, p.70), era presente na vida escolar de seus filhos, contava histórias, tomava as lições escolares e ajudava com os exercícios de Francês e Inglês. João Henriques também foi um ávido leitor, gostava de agricultura, lia literatura estrangeira, sabia francês e inglês, era engajado politicamente e acompanhava de perto os estudos de Lima Barreto.

Segundo Lilia Schwarcz (2017), João Henriques também escrevia artigos para o jornal “O suburbano”, à princípio redigia sobre agricultura e depois passou escrever sobre a difícil condição dos internos nas colônias de alienados. O pseudônimo que utilizava em suas colunas era “Nemo”, personagem central da obra *Vinte mil léguas submarinas*. Lima Barreto atuou de forma breve na revista *Fon-fon*, onde fazia denúncias sociais sob o pseudônimo Philéas Fogg, protagonista de *A volta ao mundo em 80 dias*. Sendo os dois pseudônimos personagens de Jules Verne é perceptível que pai e filho se encontram no mesmo gosto da vida real e no mesmo gosto da ficção. Pretendemos, portanto, demonstrar a profunda ligação entre pai e filho que compartilhavam as leituras maravilhosas de Jules Verne.

No período de internato, João Henriques deu ao seu primogênito toda a coleção do escritor francês, “(...) que Afonso passava aos colegas mais chegados como Manuel Ribeiro de Almeida, por exemplo, que travou conhecimento como as *Cinco semanas em um balão* e as *Vinte mil léguas submarinas*, através de seu esquivo companheiro de Colégio.”. (BARBOSA, 2017, p. 61).

A minha literatura começou por Jules Verne, cuja obra li toda. Aos sábados, quando saía do internato, meu pai me dava uma obra dele, comprando no David Corrazzi, na Rua da Quitanda. Custavam mil-réis o volume, e os lia, no domingo todo, com afã e prazer inocente. Fez-me sonhar e desejar saber e deixou-me na alma não sei que vontade de andar, de correr aventuras, que até hoje não morreu, no meu sedentarismo forçado na minha cidade natal. O mar e Jules Verne me enchiam de melancolia e de sonho. (BARRETO, 2007, p. 84)

Até o presente momento pouco se sabia sobre a proveniência dos livros que marcaram profundamente a infância do escritor. Presentes recebidos de seu pai, como o próprio autor afirma, Jules Verne foi responsável por iniciá-lo à literatura e por permitir ao reservado menino, momentos de deleite e felicidade, graças às suas histórias de ficção e aventura. O fato é que durante muito tempo, nos estudos de Francisco de Assis Barbosa, grande biógrafo do escritor em questão, o nome da editora responsável por publicar as obras de Jules Verne e que foram lidas por Lima Barreto, continha um pequeno erro de grafia, fator que dificultava aos pesquisadores atentarem-se a real origem desses livros. Nas edições anteriores de *Diário do Hospício* o nome do editor era grafado de maneira errônea, figurava como Daniel Corazzi. Ao prepararem a nova edição do livro, em 2010, os organizadores Augusto Massi e Murillo Marcondes de Moura, descobriram que escrita correta do nome do editor é, na realidade, David Corazzi e, em nota 72, na página 84, de *Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos* (2017), elucidaram sobre a importante figura do editor português. Segundo eles:

O português David Augusto Corazzi era proprietário da renomada Casa Editora David Corazzi, em Lisboa. Em 1822, abriu uma filial no Rio de Janeiro, na rua da Quitanda, n.40. Reconhecido pela quantidade de suas edições ilustradas, chegou a ser premiado na Expedição Portuguesa do Rio de Janeiro de 1879 e na Exposição Universal de Paris de 1889, “pelo esmero e nitidez das suas edições”. Publicou a obra de Jules Verne em 39 volumes. Faleceu em 1896. (BARRETO, 2007, p. 84)

David Corazzi proporcionou ao mercado português e brasileiro edições de autores estrangeiros, a exemplo das obras de Jules Verne. Conseguimos um exemplar da segunda edição do livro *Viagem ao centro da terra*, de Jules Verne, publicado no ano de 1884, pela editora de David Corazzi e traduzido pelo lente de matemática na Escola Politécnica, Mariano Cirilo de Carvalho, esta edição compõem a análise deste trabalho. A importância da aquisição deste livro deve-se ao fato de ser o mais próximo possível

que conseguimos do exemplar lido por Lima Barreto, quando era estudante do Liceu, onde iniciou seus estudos em 1891.

Se na infância, quando estudava no internato, o menino Afonso Henriques aproveitava suas horas de lazer dedicando-se à leitura das obras de Verne. Na vida adulta, reencontrava seu escritor favorito em circunstâncias bem singulares e sobre elas escrevia. As memórias do escritor francês aparecem, entre outros contos em “Um músico extraordinário”, “O único assassinato de Cazuza”, em seu *Diário do Hospício* e seu romance inacabado *O cemitério dos vivos*, os quais serão explorados nesta comunicação.

Lima Barreto esteve internado no casarão da Praia Vermelha (Hospício Nacional), em 1919, período que escreveu um diário, conhecido por *Diário do Hospício*, no qual relata suas experiências com a loucura. A partir dos manuscritos autobiográficos presentes no diário, o escritor iniciou um projeto de ficcionalização de sua experiência no manicômio em seu romance que não conseguiu terminar *O Cemitério dos vivos*. Tanto o diário quanto o romance originaram-se no interior da crise, pela necessidade de Lima Barreto expressar suas reflexões e experiências no plano pessoal e social para o plano literário, posto que tinha a vida e a literatura como um projeto único, uma luta de vida ou morte. No romance, Vicente Mascarenhas rememora suas leituras literárias de menino e, assim como seu criador Lima Barreto, também afirma ser o escritor de *Vinte mil léguas submarina* o seu autor mais querido.

As minhas leituras literárias eram poucas. Em menino, lia autores nacionais: Alencar, Macedo, Manuel de Almeida, Aluísio, Machado de Assis; e também os poetas: Gonçalves Dias, Varela, Castro Alves e Gonzaga, de quem soube de cor várias líras de Marília de Dirceu. Jules Verne, porém, era o meu encanto, pois me fazia sonhar no concreto de novos mares, novos céus e até novos meios diferentes dos possíveis de admitir, mesmo imaginando. (BARRETO, 2017, p.129)

É de se compreender que os livros de Jules Verne, o pai da ficção científica, foram tão significativos na vida de Lima Barreto, pois, a maioria das obras do escritor francês, embora baseada nos conhecimentos de meados do século XIX, unindo ciência e literatura, conquistou os leitores de sua época pelo suspense, imaginação e aventura, por antecipar aos leitores coisas ainda não conhecidas ou que até então eram irreais e que somente existiriam a partir do século XX, como viagens espaciais, a chegada do homem

na lua, bomba atômica, viagens submarinas, televisão e o helicóptero. Escritores como Olavo Bilac, Raul Pompéia e Érico Veríssimo, conforme Zilberman (2008) também reconheceram esse autor como influenciador de sua formação leitora e afirmam ser Jules Verne o escritor favorito dos homens de sua idade.

“O incitamento da imaginação traduz-se na preferência pelos mundos distantes e exóticos, muitas vezes opostos à situação vivenciada pelo leitor, a quem é facultada a experiência da alteridade, inalcançada por outro caminho.”. (ZILBERMAN, 2008, p.49) A escola e o hospício foram na vida de Lima Barreto sinônimos de amargura, enquanto as obras de Jules Verne, liberdade e de sonho, primeiro ao menino e depois ao “louco”. Para fugir do cativeiro da vida estudantil e das paredes lúgubres da prisão do Hospício, Lima Barreto elegeu Verne.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto, 1881-1922*. 11 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BARRETO, A. H. de Lima. *A Nova Califórnia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- _____. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. Prefácio Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e introdução: Lilia Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. *Impressões de leitura e outros textos críticos*. Organização: Beatriz Resente. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BRAGANÇA, Anibal. *Rei do Livro: Francisco Alves na História do Livro e da leitura no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2016.
- HAUSER, Arnold. *Sociología del arte*. V.4. Barcelona: Labor, 1977.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999. 2 v.
- OAKLEY, R.J. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- VERNE, Julio. *Viagem ao centro da terra*. Tradução Mariano Cyrillo de Carvalho. Editora David Corazzi. Rio de Janeiro, 1884.
- _____. *20 mil léguas submarinas*. Apresentação Rodrigo Lacerda; tradução e notas André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. *A volta ao mundo em 80 dias*. Apresentação Joca Reiners Terron; tradução e notas André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora Senac, 2008.